



**Duarte Belo (2020),
DEPOIS DA ESTRADA,
Lisboa: Museu da Paisagem,
320pp.
ISBN: 978-989-54497-3-6**

**Introdução
por DUARTE BELO¹**

Sobre o mapa de Portugal tracei uma linha de norte a sul. Uma linha entre o recorte da costa atlântica, a poente, e a fronteira com Espanha, a nascente. Procurei um ponto elevado como local de partida. Será a Serra do Larouco. O destino é os arenitos recortados da praia da Coelha, não longe de Albufeira, no Algarve. Com esta linha desenhada afinei o itinerário sobre as estradas existentes. Optei por não passar por cidades ou vilas. É este o conceito da viagem. Quero percorrer paisagens que estão longe de tudo, longe das cidades, longe do mar, longe dos eixos de desenvolvimento urbano do país, longe de monumentos ou de lugares turísticos, longe de Espanha. No fundo, percorrer um Portugal pouco povoado e ir compondo um retrato dessa realidade.

Esta viagem foi feita de carro com meios reduzidos ao mínimo essencial, durante cinco dias contínuos, de sol a sol, sem qualquer desvio para abastecimento alimentar. As noites foram passadas no campo, junto à estrada.

¹ Texto publicado, também como “Introdução”, no livro *Depois da Estrada*. Agradecemos a Duarte Belo e ao Museu da Paisagem a cedência de autorização para aqui republicarmos este texto.

Os pressupostos da partida são claros: juntar duas linhas de simplicidade e coerência. Uma viagem de baixo custo e um país interior, generalizadamente pobre, em processo de desertificação humana. Irei encontrar campos agrícolas agora ao abandono, ou florestados com a monotonia de um verde seco “industrial”. Sabemos que é impossível, nem seria desejável, voltar atrás, ao tempo das mãos na enxada em jornadas duras e intermináveis. Temos saudades da imagem de um país trabalhado pelas mãos calejadas dos agricultores, mas não temos saudades desses ofícios. A transformação do espaço é uma inevitabilidade. Foi sempre assim. A paisagem nunca foi estável, tal como nunca foi estável o clima. As transformações são agora muito mais céleres. No período de uma vida humana percebemos uma mudança que não seria tão evidente para os nossos antepassados.

Ao movimento sobre o espaço, junta-se o desejo de vivenciar a terra e de ler a evolução a que foi sujeita. Continuo a tentar comunicar o valor da paisagem, a nossa integração, como espécie biológica, a refletir sobre o que é um país, que cultura encerramos, o que nos transmite a diversidade dos lugares, como se materializam as construções humanas, como se “agarram” ao solo.

Que país é este que, entre Espanha e o oceano, cabe numa linha?

Esta viagem enquadra-se numa trilogia²: um conjunto de três linhas desenhadas no mapa que visa estimular a reflexão sobre a terra, sobre quem nela caminha, sobre os lugares, sobre o nosso habitar, sobre o futuro. Não pode deixar de existir aqui uma dimensão pessoal de leitura do espaço e do tempo que se reflete na construção de objetos de comunicação: fotografias, palavras, desenhos, mapas, livros, exposições. Embora a criação de todos estes elementos esteja alicerçada em modelos já conhecidos, pretendo que na sua forma reflitam uma construção não-linear. Este é o espelho da nossa relação com a temporalidade concreta do espaço, de toda a ordem de referências, que continuamente transportamos connosco.

Esta obra está organizada em cinco capítulos e quinze subcapítulos. Os capítulos correspondem aos dias de viagem, desde o amanhecer até ao final do dia, e dão o relato sumário da jornada e uma síntese daquilo que vou observando, sobretudo um determinado ambiente que relaciona povoamento humano com paisagem. Os subcapítulos assentam numa divisão cartográfica sem terem uma relação direta com os

² NOTA DOS EDITORES: Desta trilogia fazem parte *Viagem Maior* (em co-autoria com João Abreu) e *Caminhar Oblíquo*. A respeito deste último livro, sugere-se a leitura do ensaio visual “Habitar a céu aberto: vestígios de um país” de João Gomes de Abreu, Margarida Carvalho e Museu da Paisagem, publicado na presente edição de TRANSLOCAL.

capítulos: dividimos o país em quinze linhas horizontais equidistantes entre si 40 quilómetros. Na escolha deste critério guiei-me pela divisão cartográfica da escala 1:100.000 a partir da carta militar do Instituto Geográfico do Exército, na escala 1:25.000. Cada subcapítulo corresponde ao “atravessamento” de quatro cartas topográficas, que utilizei durante a viagem e motiva uma reflexão sobre esse pedaço de território percorrido ou da relação que podemos estabelecer com ele. Não deixará de existir aleatoriedade nesta opção, mas esta proposta de divisão é sugestiva da grande diversidade de paisagens que irei atravessar. É também uma forma de ancorar esta viagem à cartografia em papel, essa extraordinária fonte de informação de que dispomos e que é, em si mesma, uma das mais importantes formas de representação e sistematização do conhecimento da terra, entendido de forma abrangente.

As duas ordens de organização do livro, entre capítulos e subcapítulos, correspondem ao cruzamento entre tempo — cada um dos cinco dias de viagem — e espaço — o atravessamento do território — este entendido como algo mensurável. Como a viagem foi definida por pontos de paragem, estes estão representados na cartografia, assim como a indicação da quilometragem percorrida até então e o número de fotografias feitas.

Dos elementos constituintes deste livro fazem parte, além do texto e das fotografias, o desenho do itinerário, de acordo com a divisão cartográfica acima proposta. Esta cartografia será apenas representada pela linha da viagem e pelos topónimos dos lugares. Por subcapítulo, encontra-se, ainda, uma fotografia anotada. Estas fotografias são sobre detalhes dispersos colhidos ao longo da viagem que sugerem uma narrativa paralela.

Antes da partida

Esta viagem foi motivada pela reflexão sobre a enorme extensão de território a que se convencionou chamar “Interior”. As soluções para a inversão do processo de desertificação do país não têm sido satisfatórias, embora vários modelos tenham sido testados por sucessivos governos ou, pontualmente, por executivos municipais. O que parece cada vez mais evidente é que o “conhecimento”, entendido em sentido lato, pode trazer contributos adicionais e pode proporcionar o envolvimento de pessoas que ajudem a refletir sobre as questões da terra, que podem trazer novas propostas para enfrentar esta realidade. Ao invés, o desconhecimento da terra, das paisagens, nada pode trazer de positivo que não seja o espanto perante catástrofes ocasionais, sejam elas incêndios de

grandes proporções, cheias, ou, esses sempre imprevisíveis, abalos sísmicos, devastando arquiteturas que não estavam preparadas para os receber.

As viagens da trilogia de que este volume faz parte espelham o desejo de conhecimento da terra, ao mesmo tempo que desejam fixar uma memória que sirva para comparações futuras, testemunho de condições anteriores. Os pontos de contacto entre estas linhas, são projetos que se cruzam para aprofundar o entendimento e a identificação de um país.

O crescimento das cidades tem uma dimensão de sedução. Não é possível avançar uma data precisa, mas a vida na Terra começou há cerca de quatro mil milhões de anos. O planeta tinha-se formado cerca de quinhentos milhões de anos atrás. Ao longo de três mil e quinhentos milhões de anos a vida evoluiu muito lentamente, em formas orgânicas muito simples, unicelulares. Há 544 milhões de anos dá-se a explosão do Câmbrio. O registo fóssil deste período apresenta um elevado número de organismos vivos de diferentes morfologias anatómicas. Daí até ao presente a vida não parou de se diversificar em formas cada vez mais complexas. Pontualmente, grandes cataclismos, extinções em massa, levaram ao desaparecimento de muitas espécies. O maior destes eventos deu-se na transição do Pérmico para o Triássico, quando se extinguiram noventa por cento das espécies animais e cerca de cinquenta por cento das espécies vegetais. No entanto, o mais conhecido destes fenómenos naturais deu-se quando um meteorito de grandes dimensões atingiu, há 65 milhões de anos, o atual Golfo do México. Os dinossauros, o mais poderoso clado de então, é extinto, permitindo, poucos milhões de anos depois, o desenvolvimento dos mamíferos. Sem predadores hegemónicos, estava aberta uma porta para o desenvolvimento de outras espécies, como os símios. É aqui que a história humana tem as suas raízes. O processo foi longo, com altos e baixos, mas contínuo. Representou o acrescentar de ferramentas àquelas outras já conquistadas como a capacidade de movimento, a agilidade, a resistência, garras, dentes e, sobretudo, a construção de uma sociedade organizada em grupos, que emergia paulatinamente. A fixação de comunidades em territórios específicos, no advento do Neolítico, introduz uma mudança substancial. O desenvolvimento da agropecuária vai interromper a errância pelo desconhecido na permanente procura de recursos, que tinha motivado o povoamento de um planeta inteiro. Estavam lançados os alicerces para o aparecimento das primeiras cidades. O processo de afastamento da Natureza adquire um ponto de não retorno. A humanidade constrói o seu próprio habitat. Tal como a sociedade, as paisagens vão ser hierarquizadas. A leitura dos vastos territórios perde significado, para se concentrar em espaços mais

contidos ao redor das aglomerações urbanas, que fornecem, em termos alimentares, quase tudo de que uma comunidade precisa para subsistir.

Talvez a realidade a que hoje assistimos não passe do corolário lógico deste longo processo evolutivo de uma espécie que procura segurança e uma sobrevivência cada vez mais prolongada no tempo. Na realidade portuguesa ainda é muito viva a memória do povoamento dos campos em meados do século passado. Este povoamento extensivo espelhava-se numa imagem de harmonia que ainda hoje associamos ao mundo rural. No entanto, escondia uma realidade dura. O aproveitamento de todos os pedaços de solo, muitos deles de muito baixa rentabilidade, era a consequência de uma enorme pobreza, devida em grande parte a um regime político opressivo que fechava as fronteiras e impedia a livre circulação de pessoas. Com o enfraquecimento do Estado Novo e depois com a mudança de regime, no dia 25 de Abril de 1974, este Portugal interior vai mudar de forma.

Talvez esteja aqui o sentido da viagem que agora é proposta: atravessar um país, de norte a sul, longe dos principais aglomerados urbanos, e procurar a representação desse “vazio”. Entre o espaço e o tempo percorridos, o que fica depois da estrada?

Duarte Belo

(Lisboa, 1968). Licenciado em Arquitectura (1991). Paralelamente à atividade inicial em Arquitetura, desenvolve projetos em Fotografia. Expõe individualmente desde 1989, tendo já participado em numerosas exposições individuais. Está representado em diversas coleções públicas e privadas, em Portugal e no estrangeiro. Já desenvolveu a atividade de docência e participa regularmente em seminários, congressos e mesas redondas.

É autor de um amplo conjunto de livros onde é dada especial atenção quer ao levantamento fotográfico da paisagem e das formas de ocupação do território, quer ao diálogo entre fotografia e literatura.

Na sua bibliografia destacam-se, entre muitos outros: *Orlando Ribeiro — Seguido de uma viagem breve à Serra da Estrela* (1999); *Ruy Belo — Coisas de Silêncio* (2000); *O Vento Sobre a Terra — apontamentos de viagens* (2002); *À Superfície do Tempo — Viagem à Amazônia* (2002); *Território em Espera* (2005); *Geografia do Caos* (2005); *Fogo Frio - O Vulcão dos Capelinhos* (2008); *Comboios de Livros* (2009); *Desenha, produz e fotografa as ilustrações do conto O Príncipe-Urso Doce de Laranja* (2009); *Cidade do Mais Antigo Nome* (2010).

Em 2020, com a chancela do Museu da Paisagem, publicou a trilogia *Portugal 15-5-20*, constituída por *Viagem Maior* (em co-autoria com João Abreu), *Caminhar Oblíquo* e *Depois da Estrada*, onde Duarte Belo partilha com o leitor reflexões sobre o país e a condição de viajante.